



**CHIZIANE, Paulina. Niketche: uma história de poligamia.
São Paulo: Companhia das Letras, 2021.**

Júlia Victoria dos Santos Soares
soaresjulia2002@outlook.com

Universidade Federal da Grande Dourados
Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Geografia

Paulina Chiziane, escritora moçambicana, nascida no ano de 1995, é conhecida por seus romances que colocam sempre em destaque as visões e percepções de fortes figuras femininas, assim como retratam a pluralidade da realidade Moçambicana. A primeira obra da autora foi publicada no ano de 1990 e leva o nome de “Balada de amor ao vento”, mas o romance mais conhecido de Chiziane é do ano de 2002, “Niketche: Uma história de poligamia” que ganhou o prêmio José Craveirinha, da Associação dos Escritores Moçambicanos.

Ambientada na cidade de Maputo, capital de Moçambique, a narrativa construída ao longo de quarenta e três capítulos, supostamente (por falta de clara delimitação temporal da autora) toma lugar pouco tempo depois da conquista da independência de Moçambique em relação ao Estado português que por quatro séculos

dominou o país. Após o duro processo da guerra da Luta Armada de Libertação Nacional, Moçambique teve ainda de enfrentar uma crise política e econômica pós-independência após a retirada de todo apoio estrutural de Portugal e seus cidadãos, que se retiraram do país nesse mesmo período.

Atravessado por essa espacialidade, o livro tem seu início apresentando a protagonista da trama, Rami, que vivia um dia normal em sua casa até que escutou um grande ruído do lado de fora e ainda marcada pela violência da guerra, se espantou pensando ser uma troca de tiros. Na verdade, um de seus filhos havia quebrado a vidraça de um carro e, tentando amenizar a situação e tranquilizar o dono do veículo, Rami promete a ele que seu marido Tony irá resolver todo o problema quando fosse possível.

É justamente frente a essa circunstância que Rami começa a se perguntar sobre seu lugar como pessoa e mulher, já que uma simples situação não podia ser resolvida por ela, apenas por uma figura masculina. A escrita de Chiziane é sensível, ao mesmo tempo em que é incisiva e direta, e essa característica qualifica muito bem a personagem principal, já que nas reflexões pessoais de Rami, o texto muitas vezes transita entre a linguagem lírica e a narrativa do romance que vai se desenvolvendo.

A personalidade forte e questionadora de Rami é o que a leva a confrontar a segunda esposa de Tony, pois revoltada com a ausência da companhia e amor de seu marido, ela vai até a casa de Julieta, buscando conhecer a suposta culpada pela omissão de seu marido e, na casa de sua rival, elas se envolvem numa luta física. Rami fica completamente machucada, Julieta acaba por cuidar dela e relata que não vê Tony há mais de sete meses.

Ora, se o marido não estava presente nem em sua vida, nem de sua segunda esposa, onde poderia estar? É nesse momento que as desventuras da personagem se iniciam: a procura por Tony a leva a conhecer outras três mulheres, todas casadas com seu marido. A terceira esposa, Luísa, torna-se amiga de Rami depois de brigarem e passarem uma tarde na prisão. Ao conhecer e conversar com a quarta esposa, Saly, Rami também foi informada de uma quinta e mais nova das esposas, Mauá.

Nesse período em que buscava entender a vida das outras esposas de seu marido, Rami é convidada a participar da comemoração do aniversário de um dos filhos de Luísa, a rival que mais se tornou próxima a ela, e, nessa festa, a protagonista se envolve sexualmente com Vito, amante de Luísa que passa a ser compartilhado por

ambas. Rami passa, assim, a pensar muito mais sobre a poligamia e seu lugar nas relações com suas rivais e seu marido.

Então, a história toma um rumo inesperado. Rami que antes direcionava às suas rivais toda a ira e descontentamento causados pela ausência do marido, agora se compadece delas e as chama de companheiras, já que compartilham o mesmo marido e com essa nova atitude, assume o lugar de liderança entre as esposas de Tony, trabalhando para que superem suas desavenças e se unam. E é dessa maneira que as cinco decidem surpreender Tony em seu aniversário de 50 anos e comparecem à festa se apresentando a familiares e figuras importantes como suas esposas, saindo do anonimato. Tony fica tão envergonhado e sem saber o que fazer, que foge de sua própria festa.

Frente a essa fuga, mais uma vez, Rami toma o lugar decisivo e, em acordo com suas companheiras, planejam uma chamada “escala conjugal” para que, desse modo, Tony seja obrigado a cumprir responsabilidades igualmente com cada uma de suas esposas, tendo de ficar uma semana inteira com a esposa escalada na data combinada. As cinco esposas lideradas por Rami agora passam a constituir um movimento organizado, elas se reúnem para debater dificuldades de suas vidas e tentam ao máximo se ajudarem.

É interessante ressaltar que são nessas reuniões que o livro expressa de forma mais evidente como o país é muito plural étnico-culturalmente. Cada uma das esposas tem origens distintas e em seus debates sobre questões ligadas ao lugar da mulher na sociedade ou à poligamia, o texto demonstra claramente diferenças internas da constituição territorial de Moçambique e como essas diferenças não devem necessariamente ser barreiras entre a população, mas que podem ser formas de fortalecer o povo moçambicano. Fazemos esta reflexão, pois o resultado das trocas e da ajuda mútua entre as cinco mulheres é que elas passam a conquistar uma liberdade e apoio que antes lhes era inalcançável.

A rede de apoio entre elas continua a se fortalecer de tal modo que elas não só conseguem organizar a relação poligâmica que levam com Tony, de modo que todas tenham, em certo nível, suas necessidades e anseios supridos, como também conseguem pouco a pouco conquistar liberdades em outras esferas. Rami passa a fazer empréstimos à suas companheiras e com esse apoio econômico, cada uma delas começa a



desenvolver atividades que mais lhe agradam e, assim, passam a ocupar diferentes espaços, não ficando mais confinadas a apenas cuidar da casa e esperar por Tony.

A problemática surge, então, nesse momento. Tony fica insatisfeito com a situação na qual se encontra, ele passa a não respeitar a escala conjugal, foge de todas as suas mulheres e se envolve com uma sexta mulher, traindo suas esposas, que o confrontam pela primeira vez em toda a narrativa e isso o deixa perplexo. Tony passa a ficar completamente desgostoso com a situação, porque ele se vê profundamente confrontado pelas mulheres que antes o respeitavam acima de tudo e todo esse descontentamento é descontado na liderança de Rami na organização com as outras mulheres. Como forma de vingança, Tony pede o divórcio, pois sabe que uma mulher divorciada não tem mais respeito social no país.

Mesmo espantada e entristecida por essa forma de ataque do homem ao qual ela tão devotamente se dedicou por toda vida adulta, Rami não aceita se divorciar, pois acredita que não havia feito nada de errado. A trama vai escalando com esse novo embate entre ela e Tony, e ainda assim, Chiziane guia o leitor a outra reviravolta: a notícia de que Tony faleceu após ser atropelado surpreende a todos, já que, devido à tradição do país, Rami agora deveria pertencer ao irmão de seu falecido esposo.

Respeitando os rituais, ainda estando enlutada pela recente notícia, Rami se entrega a Levy, irmão de seu marido, mas dias depois Tony retorna, pois nunca esteve morto. Mas após tantos acontecimentos, toda a estrutura de relacionamento havia mudado: Luísa decidiu casar-se com Vito e tornar-se uma primeira esposa. Como forma de não voltarem à posição de total submissão a Tony, as quatro restantes, coletivamente, propõem a ele que se case com uma nova pretendente, dessa vez escolhida por elas. Ele, por sua vez, nega a proposta e num ato desesperado promete a Rami que se dedicaria somente a ela, que abandonaria a poligamia, mas a dança da criação estaria encontrando seu fim, pois Rami estava agora grávida de Levy.

Paulina Chiziane termina assim seu envolvente e extremamente perspicaz romance, a Niketche havia se findado, “a dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação” aconteceu de fato, a protagonista principal agora está esperando um novo filho.

A obra, contudo, está longe de ser apenas sobre a protagonista e sua história. A autora, por meio dos pensamentos de Rami, conduz o leitor a refletir sobre a cultura

da poligamia e também sobre toda a estrutura socioespacial de Moçambique. Além disso, é imprescindível destacar como a trama convida seus leitores a refletirem sobre os lugares, seja através de Rami e os lugares que lhe são permitidos ocupar como mulher, seja através da figura de Tony e os lugares que frequenta ou até mesmo as reflexões que a autora tece acerca dos diferentes lugares dentro do território moçambicano e sua pluralidade, representados pelas outras esposas de Tony.

O livro me surpreendeu como leitora por sua escrita cativante, mas acima de tudo me cativou como estudante de Geografia por me fazer pensar em como a Geografia nos atravessa mesmo que não percebamos. Isso porque a Geografia se faz presente nas relações criadas entre as personagens, se faz presente nos lugares que as personagens ocupam (ou não) na narrativa, se faz presente em toda a estrutura social que Chiziane aborda.

Por retratar uma narrativa num país em outro continente - principalmente um continente tão diversificado quanto continente africano - a obra também quebrou vários preconceitos coloniais que inconscientemente carregava comigo acerca de países africanos, e, ao mesmo tempo, colocou em debate a questão da mulher e seu lugar na sociedade a partir do olhar de uma mulher moçambicana. Portanto, “Niketche: Uma história de poligamia” se faz uma leitura fundamental para aqueles que buscam desconstruir olhares e pensamentos coloniais e retrógrados.

Concluo meu texto, então, com uma forte recomendação de leitura de uma obra que se fez primordial não só a minha formação como geógrafa, mas também para a minha formação como mulher. Uma excelente leitura a todos(as)!

Recebido em dezembro de 2022.

Aceito para publicação em dezembro de 2022.